



PERCEBER O SABOR, IMAGINAR SUAS ORIGENS: POR UMA FENOMENOLOGIA DA DEGUSTAÇÃO DE VINHOS.

Wagner Otávio Gabardo¹

RESUMO

O objetivo deste ensaio é encarar a degustação de vinhos enquanto fenômeno que articula aroma, sabor e terroir me apoiando nas fenomenologias da percepção de Merleau-Ponty, da imaginação arquetípica e poética de Bachelard e dos pensamentos “paisageiros” de Berque. Para tanto, farei breves reflexões sobre o terroir enquanto conceito chave para pensar a geografia dos sabores, expresso na metáfora *goût du terroir*. Comunicar um vinho é também um exercício narrativo de uma experiência fenomenológica. A partir desta ideia trago, a luz de Benjamin, uma forma de pensar o terroir a partir de narrativas disparadas por registros olfato-gustativos, sentidos com forte poder evocativo de experiências espaciais. Em um intento de harmonizar o mundo dos vinhos com o pensamento humanista e de fortalecer o sabor enquanto um forma de saber geográfico.

Palavras-chave: Degustação de Vinhos; Sabor; Terroir; Narrativa; Fenomenologia.

ABSTRACT

L'objectif de cet essai est de considérer la dégustation de vins comme un phénomène qui articule des arômes, saveurs et terroir en s'appuyant sur les phénoménologies de la perception de Merleau-Ponty, de l'imagination archétypal et poétique de Bachelard et les pensées paysagères de Berque. À cet effet, je ferais des réflexions sur le terroir comme un concept clé pour penser la géographie du goût, exprimé pour la métaphore « goût du terroir ». Parler d'un vin est aussi un exercice narratif d'une expérience phénoménologique. De cette idée je propose, à lumière de Benjamin, une pensée du terroir basé sur des récits déclenchés par des sensations de l'odorat et le goût, les sens avec un fort pouvoir évocateur des expériences spatiales. Cela dit, j'ai l'intention d'harmoniser le monde des vins avec la pensée humaniste et de renforcer le saveur comme forme de savoir géographique.

Mots-clés: Dégustation des Vins; Goût; Terroir; Récit; Phénoménologie.

INTRODUÇÃO

O ensaio que proponho é resultado de intuições e reflexões oriundas de minha experiência há quinze anos como sommelier e professor de degustação de vinhos. Ao longo de minha trajetória, sempre me interessei em conhecer in loco as paisagens que originam os vinhos sobre os quais ensino, enquanto viajante-degustador e eterno aprendiz. Testemunhei, tanto em visitas às vinícolas quanto em palestras de viticultores(as) das quais participei, uma

¹ Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Paraná, wgabardo@gmail.com.



forte ênfase dada às narrativas de terroir durante a degustação dos vinhos. Estas narrativas, ao passo que nos induzem a perceber qualidades da bebida, nos permitem percorrer empiricamente suas paisagens quando estamos em uma vinícola ou imaginariamente quando recebemos a visita de um viticultor.

Meu objetivo neste ensaio é, portanto, encarar a degustação de vinhos enquanto fenômeno que articula aroma, sabor e terroir me apoiando nas fenomenologias da percepção de Merleau-Ponty, da imaginação arquetípica e poética de Bachelard e dos pensamentos “paisageiros” de Berque. Para tanto, farei breves reflexões sobre o terroir enquanto conceito chave para pensar a geografia dos sabores, uma vez que o terroir tem um gosto antes de qualquer morfologia, expresso na metáfora *goût du terroir*. Comunicar um vinho é também um exercício narrativo de uma experiência fenomenológica. A partir desta ideia trago, a luz de Benjamin, uma forma de pensar o terroir a partir de narrativas disparadas por registros olfato-gustativos, sentidos com forte poder evocativo de experiências espaciais. Em um intento de harmonizar o mundo dos vinhos com pensar geográfico humanista e de fortalecer o sabor enquanto uma forma de saber geográfico.

GOSTO DO TERROIR: O SABOR COMO UM SABER GEOGRÁFICO

Aprender sobre vinhos é adentrar no saber geográfico. O vinho é alimento identitário de um território e parte da dieta cotidiana de seus autóctones, cujo consumo pressupõe a comensalidade e tempera a ideia de lugar de um viticultor. O cultivo de sua matéria-prima, a uva, é celebrado pelas comunidades rurais nas festas da colheita, enfatizando o valor de se trabalhar a terra. A bebida, sacralizada pelo cristianismo e possuidora de deuses próprios em mitologias antigas, é considerada alimento essencial da dieta mediterrânea e constitui produto agroalimentar de alto valor agregado entre os ocidentais. As paisagens do vinho têm sido contempladas em ações patrimoniais que evidenciam seus valores materiais e imateriais (ELIAS, 2008).

Diálogos entre vinho e geografia podem ser inebriantes. Um ponto de partida possível é o estudo de mapas cartográficos que permitem localizar e distinguir vinhedos ao redor do mundo, suas distâncias e escalas. Flertamos com a Geografia Física ao atentar à topografia do terreno, o perfil de solo e o clima que caracterizam o espaço telúrico da viticultura. Em



seguida, a Geografia Cultural nos abre às territorialidades que descrevem saberes-fazeres do cultivo de uvas, elaboração e consumo de vinhos. Cada paisagem é única e reveladora de conhecimentos, técnicas e crenças que falam sobre os modos de cultivo de uvas e vinhos com identidade e tipicidade próprias. Neste bojo emerge uma expressão central na compreensão desta relação ser humano-natureza: o *terroir*.

Considero *terroir* um conceito chave para pensar o sabor como saber geográfico. O termo, de origem francesa, foi cunhado no universo vinícola para referir-se à uma porção limitada de terra com aptidões para agricultura, enfatizando o papel do solo onde é plantada a vinha. Como o passar do tempo, *terroir* ganha abrangência ao contemplar as dimensões naturais e socioculturais que definem a identidade dos vinhos em um território demarcado (GARCIA & JACQUET, 2020). Ao narrar o *terroir*, o viticultor se converte em intérprete da paisagem e, por meio da linguagem, transmite experiências do mundo vivido que buscam elucidar o sabor do vinho atrelado à sua origem. O enredo do *terroir* entrelaça concomitantemente saberes tradicionais e científicos, subjetivos e objetivos, emoção e razão, em um exercício “trajectivo” de paisagem (BERQUE, 1985). O *terroir* só existe porque há um viticultor que o pensa enquanto tal, a partir de uma base material e objetivamente dada do espaço terrestre, que é ressignificada a partir de valores culturais e subjetivos revelados no plano da experiência individual e coletiva dos trabalhos agrícolas.

A noção de *terroir* permite dialogar com conceitos caros à geografia cultural, como território, lugar e paisagem. Ao invés de amarrar o *terroir* a um único conceito, considero mais frutífero ensaiar breves aproximações a todos. Início com o território pois a semelhança semântica com *terroir* torna o diálogo destes conceitos sedutor e inevitável. *Terroir* é um território pois fala de identidade (de um vinho e sua gente), de relações de prestígio e poder (entre os atores vitivinícolas) e de liberdades e privações (movidas por costumes, crenças e tradições). Cabe lembrar que o princípio fundante das indicações geográficas é a delimitação espacial de fronteiras de produção para então, dentro destes limites, impor as regras de seu funcionamento: que variedades viníferas os *vignerons* podem plantar, de que forma devem cultivar, quanta uva podem produzir e qual receita tradicional devem seguir para garantir a tipicidade e reputação dos vinhos. Estas regulamentações refletem a dinâmica de uma sociedade do vinho que se auto governa, produz e se reproduz, nutrindo territorialidades próprias.



Contudo, na esfera individual de cada *vigneron*, terroir é um também um lugar pois trata da sua experiência cotidiana, que o define como sujeito, seu microcosmo afetivo e íntimo, onde o sentido da sua existência é forjado. Terroir-lugar pode ser pensado à luz das reflexões de Dardel (2011), como “uma experiência concreta e imediata onde experimentamos a intimidade material da “crosta terrestre”, um enraizamento, uma espécie de *fundação* da realidade geográfica.” (p. 15, grifos no original). Muitas narrativas de terroir revelam o sentimento de topofilia, no qual o modo de vida e os saberes fazeres estão visceralmente emaranhados à terra que habitam. Narrativas geobiográficas de um *vigneron* e suas sensibilidades tão próprias fundam-se no lar, como revela o romance de POTTER (2014) ambientado na Borgonha: “A floração em junho que enchera o ar com aquele aroma doce e familiar, que desde criança ele gostava de comparar ao perfume do mel, ocorrera de forma irregular pelos vinhedos” (p.21), e ainda “O perfume. Tomava conta de suas narinas, atijando as partes do cérebro que despertavam memórias da sua infância. Seu pai. Sua terra. Suas vinhas “ (p. 35). Na hodologia de um viticultor, muitos caminhos percorridos podem ser frutos da herança familiar, narrativa recorrente na legitimação de terroirs, a sua ancestralidade. Mas viticultores podem optar por desbravar novos espaços, desafiadores, mais acolhedores ou hostis ao cultivo de uvas. Desvendar este terroir denota tempo, vivência e experiência. Mas é preciso, sobretudo, fazer parte, torná-lo familiar, para poder compreendê-lo: “Los lugares se sienten, se entienden, se piensan y de a poquito comenzamos a ser parte...” (MASERA, 2020).

Um terroir pode ser lido e descrito por sua paisagem, um construto cultural, com seu arcabouço histórico e seu valor estético impressos no espaço telúrico. Algo tangível com elementos intangíveis, que articula o real e o imaginário, o concreto e o simbólico em uma apreensão (inter)subjetiva. Como precisamente definem Nogué e Vela (2011), a paisagem ancora em si uma complexidade de relações concomitantes:

El paisaje está lleno de lugares que encarnan la experiencia y las aspiraciones de la gente; lugares que se convierten en centros de significado, en símbolos que expresan pensamientos, ideas y emociones varias. El paisaje no solo presenta el mundo tal como es, sino que es también, de alguna manera, una construcción de este mundo (...). El paisaje es (...) la fisonomía externa y visible de una determinada porción de la superficie terrestre y la percepción individual y social que genera; un tangible geográfico y su interpretación intangible. Es, a la vez, el significante y el significado, el continente y el contenido, la realidad y la ficción.

O terroir como paisagem seria o suporte material e simbólico da existência do lugar para um viticultor e, ao mesmo tempo, é o cenário de territorialidades da coletividade de



vignerons. É pela e na paisagem do terroir que o indivíduo e sua coletividade se reconhecem e se autenticam. É por suas narrativas que eles reforçam suas identidades, manifestam suas geografidades, e através delas, constroem e perpetuam o sabor de seus vinhos. Parafraseando a metáfora de Dardel (2011), é o sabor (mais do que a cor, para o vinho) “com a qual a realidade geográfica aparece para nós depende da preocupação e do interesse dominante que nos dirige a um encontro com coisas e pessoas específicas”. Estas coisas seriam as vinhas, as uvas e seus vinhos, elaborados por pessoas com um interesse comum, cultivar o sabor do terroir.

Para Luginbühl (2005) o nome de uma região vinícola remete primeiro a um sabor – dos vinhos ali originados – antes de qualquer outra referência. Segundo a autora, poucos pintores dedicaram-se a retratar paisagens do vinho pois “o pincel não podia transcrever os aromas do vinho, mais significativos e mais evocativos que as formas, texturas e cores das videiras” (idem, p. 17). Estão na literatura e na poesia os caminhos para expressar “sensibilidades das paisagens da videira, graças ao uso de formas retóricas que permitiram evocar prazeres sensoriais” (ibidem, p. 17). A forma retórica que faria jus à paisagem seria a narrativa do terroir, permeada por evocações metafóricas e poéticas dos lugares vitícolas capazes de sugerir o sabor dos vinhos.

Vinhos são feitos nos quatro cantos do mundo, do nível do mar às alturas de uma montanha, da fria Patagônia ao caloroso semiárido brasileiro, em planícies ou encostas, e a vinha - planta trepadeira - pode ser podada, conduzida e adubada de várias maneiras. A cada vinho provado experimentamos novas percepções sensoriais que expressam as formas como ele foi feito e, sobretudo, **onde** foi feito. Se a base de um vinho são uvas, por que seus aromas e sabores são distintos? Porque cada porção de terra conjuga aspectos naturais e culturais particulares que impactam as uvas e vinhos ali cultivados. O terroir importa e transmite sabor à bebida, em uma espécie de filosofia localizada do gosto (TRUBEK, 2008) e a metáfora “o vinho nasce no vinhedo” ganha lugar e se cristaliza na expressão francesa *gout du terroir* (PARKER, 2017).

Para os franceses, grandes influenciadores das práticas vitivinícolas mundiais, o terroir tem gosto. É comum um produtor do Vale do Loire, ao ciscar duas pedras de sílex, abundantes na região, defender veemente que dali é oriundo o aroma mineral de seus vinhos, mesmo



geólogos refutando tal afirmação². Todavia, para este viticultor, a mineralidade do vinho provém do solo onde estão plantadas as vinhas. O saber é intuitivo? Fruto do imaginário ou real? Qual seja a resposta, seja ou não por influência da sugestão, o fato é que, ao agitar a taça deste mesmo vinho e sentir seu aroma, um certo cheiro de pedra e fumaça nos invade.

Terá razão o viticultor? Não cabe a mim julgar, pois não entrarei nos méritos de explicar o gosto do terroir apelando ao racional e ao científico. De princípio, aceito que existe uma lógica explicativa dos vinhos – que aqui defino como narrativas do terroir – que recorre ao saber científico, mas que também fala sobre a relação do viticultor e seu entorno, da dimensão subjetiva e afetiva entre ele e as paisagens que o rodeiam, que são a razão de sua existência, o palco de sua experiência cotidiana, o lugar que habitam. O terroir narra, portanto, a geograficidade de um viticultor. O terroir exprime a origem da bebida e suas qualidades únicas, a partir de um encontro das forças da natureza – água, ar, fogo e terra – somadas a biodiversidade na qual os seres humanos se inserem. É um espaço construído que traduz a vontade humana em trabalhar a natureza e especializa-la, entremeando razões de ordem instrumental/científica às de ordem simbólica/mítica que regem o cultivo de uvas e elaboração de vinhos. Narrativas de terroir em tom por vezes poético, tratam de expressar a relação afetiva entre os seres e o lugar que habitam.

Se a paisagem é marca e matriz de uma cultura (BERQUE, 1984), o vinho se converte em marca e matriz de um terroir. Um terroir só existe porque há um vinho que o qualifica enquanto tal. É a bebida e seu sabor que legitimam a existência de um terroir. Diria que há um sabor que torna notório um espaço, convertendo-o em terroir. Ao mesmo tempo, o terroir constitui a matriz de um vinho ao ser capaz de, metaforicamente, imprimir suas marcas - de aromas e sabores - nas bebidas que dele originam.

PERCEBER, IMAGINAR, CONTAR: O FENÔMENO DA DEGUSTAÇÃO

Reconhecer a identidade de um terroir impressa no vinho nos leva à etapa crucial da aprendizagem da bebida: sua degustação. A experiência do gosto flui em situação. Degustar é

² O geólogo Maltman (2008) questiona o termo “mineralidade”, amplamente utilizado para descrever um vinho, considerando-o inapropriado. Segundo o autor, além dos minérios do solo apresentarem-se em quantidades quase imperceptíveis no vinho, o simples fato de eles não possuírem odor, desqualifica o uso do descritor.



um fenômeno que envolve, inicialmente, a percepção dos aromas e sabores e, por meio destes, reconhecer a qualidade, tipicidade e originalidade de um vinho frente a outros. Experimentamos sensações diversas que revelam os processos que transformam a uva em vinho: são cheiros, sabores, texturas e temperaturas que nos invadem e permitem aprender um pouco mais sobre a bebida que apreciamos. Via percepção somos capazes de (re)construir situações. Sentimos o aroma do vinho ao agitar a taça. Camadas de odores emanam e se sobrepõem, aguçando a percepção e a memória olfativa. Ao tragar a bebida, a boca inunda-se pela salivação, densidade do líquido, refrescância, calor, adstringência e um sabor residual. Pela via (in)consciente, atribuímos predicados racionais e emocionais ao líquido que ingerimos. Reconhecemos qualidades que falam tanto sobre a bebida quanto sobre nós, degustadores, como apontam Peynaud e Blouin (2010)

(...) a qualidade é o resultado de um encontro entre o vinho, com suas características, e o consumidor, com suas preferências, sua cultura, seus condicionamentos do momento. Por trás de cada uma dessas definições perfila-se : a pessoa que bebe o vinho: a qualidade só existe por ela, por seu julgamento, por seu gosto, por seu prazer (p. 193).

A dificuldade de pôr em palavras sensações olfativas que carecem de léxico próprio (DULAU e PITTE, 1998) pode se impor como desafio cognitivo de uma degustação. Há palavras para descrever cores/formas, nuances sonoras, sabores e sensações táteis que lhe são próprias, constituem uma qualidade inerente de cada sentido (ex.: vermelho, azul, redondo, quadrado, grave, agudo, salgado, ácido, quente, frio, etc.). Já no caso dos aromas, o dualismo bom ou ruim qualifica porém não descreve de forma precisa o aroma. É necessário acudirmos a uma fonte propagadora de determinada sensação olfativa para significar a mesma: aroma de flor, de fumaça, de terra, etc. Mesmo quanto aos sabores, reduzir às sensações básicas é empobrecer as possibilidades de interpretarmos as nuances de gosto entre um alimento e outro.

Esbarramos aqui numa questão de linguagem que, se por um lado dificulta a descrição pela carência de palavras próprias, por outro, abre portas à imaginação das possíveis origens de um aroma ou sabor. Candau e JeanJean (2006) defendem que ao nomear um aroma, já se está abstraindo o cheiro da experiência primordial, e essa abstração não é óbvia quando faltam ferramentas conceituais. Portanto, em linguagem natural, a “linguagem de fluidos” é imprecisa, metafórica ou poética. É este caminho para a metáfora e a poética que nos permite explorar imaginariamente as origens geográficas de um aroma e um sabor presentes em um



alimento. É este um dos grandes trunfos de uma narrativa de gosto de um terroir, enquanto uma elaboração simbólica sobre a fonte que emana e saboriza a experiência de degustar.

No fenômeno da degustação de vinhos somos convocados não apenas a perceber suas nuances gustativas mas também a imaginar a origem geográfica do seu sabor, seu terroir. A cada vinho provado se renovam nossas percepções e emergem, a partir da bebida, narrativas do terroir que nos conduzem a uma imaginação intuitiva e estética de suas paisagens (WRIGHT, 1947). Se provamos o vinho de um lugar que nos é familiar, reconstruímos à luz da consciência experiências passadas de forte vínculo espacial. Somos capazes de recordar, com riqueza de detalhes, paisagens do vinho vivenciadas. Se o vinho provado remete a uma paisagem ainda por desbravar, damos asas à imaginação em busca de compreender de que maneira o sabor que brota da terra transcende das vinhas às uvas e aos vinhos. Ao degustar somos passado e presente, mediados por sensações e imaginários.

Narrativas sobre o *gout du terroir* nos conduzem a perceber e imaginar aromas e sabores percorridos desde o vinhedo ao tanque de fermentação, à barrica, à garrafa, às nossas taças. “O vinho nasce no vinhedo” faz-se provérbio fundante das narrativas do terroir. Se ali o vinho nasce, dali herda suas qualidades sensoriais, seus aromas sabores e texturas. A narrativa passa então a dar vida àquilo que até então parecia inanimado, conferindo um saber e um sabor à elementos tangíveis e intangíveis de paisagens e lugares que o viticultor cultiva e habita. Se o vinho é saboroso e nasce de um vinhedo, seu terroir é capaz de produzir este sabor, por alguma via mais ou menos compreensível. O provérbio é o ideograma da narrativa, disse Benjamin (2012). Ao narrar o terroir o viticultor converte-se em intérprete de suas paisagens e lugares e usa - além de provérbios, histórias de vida e conhecimentos - um recurso “mágico”, uma dádiva deste terroir: o vinho que dali surge. Narrativas de terroir ganham força acompanhados da degustação do vinho que ele origina e que por sua vez o identifica. O vinho se converte em aliado da narrativa. É capaz de comunicar, para além do verbalizado pelo viticultor-narrador. O vinho enriquece a narração em ato, ao estimular nossos sentidos, suscitar memórias, emoções e imaginários. Não seria tarefa do narrador “trabalhar a matéria prima da experiência - a própria e a alheia - transformando-a num produto sólido, útil e único”? (idem, p. 239) Para o viticultor, a matéria prima desta experiência de terroir não estaria plasmada no vinho?



Se para Benjamin (2012), a alma, o olho a mão e a voz definem a prática narrativa, ao comunicar o gosto do terroir a boca e o nariz também intervêm e fornecem pistas - por meio de estímulos aromáticos e gustativos - que alimentam o desenrolar da própria narrativa. É um cheiro ou um sabor particular, percebidos em situação-degustação, que evocam uma memória, uma paisagem, um rio, uma montanha, um bosque, um ser da natureza que metaforicamente somos capazes de reconhecer e apreciar, diluídos e emanados pelo vinho. Diria que a percepção não pelo olhar, mas pelo saber-saborear que nutre a narrativa de um terroir. Boca, nariz e mente, com sua capacidade de imaginar, constroem sentido e validam o “ideograma narrativo” no qual “o vinho nasce no vinhedo”.

“A experiência que passa de boca a boca é a fonte a que recorreram todos os narradores” diz Benjamin (idem, p. 214). Ao narrar se revelam experiências, geograficidades viticultoras, transmitidas hereditariamente entre aqueles que compartilham de um mesmo terroir. Mas a esta citação subverto, por conveniência, a interpretação: a experiência que passa de boca a boca, inunda, em degustação, várias bocas e corpos capazes de compartilhar (inter)subjetivamente suas impressões sensoriais e emocionais que o vinho é capaz de provocar. Afinal, não constituímos máquinas perfeitamente acabadas, capazes de dar pareceres unicamente precisos e mensuráveis sobre o líquido que ingerimos.

Comunicar um vinho abre um terreno fértil para a linguagem poética. Segundo Bachelard (2019) a linguagem possui dupla função, a de “transmitir significações objetivas precisas” e “sugerir valores mais ou menos metafóricos. E já nas primeiras imagens fervilhantes e as percepções claras (...) são as metáforas que irão multiplicar os valores, valorizar os valores” (p.52). E as imagens poéticas que se constroem em torno de um terroir são o motor expressivo da linguagem: “a imagem poética coloca o problema da criatividade do ser falante [do narrador]. Através da criatividade, “a consciência imaginante se revela, muito simplesmente, mas muito puramente, como uma *origem*” (idem, 2003, p. 8-9, grifo meu). Comunicar um vinho é também um processo criativo, sustentado por imagens poéticas que o sujeito cria a partir do seu mundo vivido. E são as imagens do vinhedo e sua paisagem circundante - desde seus aspectos mínimos - que alimentam a narrativa de um terroir. Falar sobre o terroir também evoca uma fenomenologia da imaginação poética. Poesia despertada pelo encantamento com as paisagens e os lugares de um viticultor.



O caminho para a metáfora e imaginação poética do terroir está, então, trilhado: “vinhos de montanha”; “vinhos atlânticos”; “vinhos tropicais”; “vinhos minerais”, “vinhos ancestrais”. Ouvir estas expressões típicas do linguajar vínico, nos remete às origens da bebida, e de imediato imaginamos uma paisagem que possa justificar e nos permita entender mais sobre o vinho degustado. Mas a origem do sabor advém da proximidade de montanha, das brisas do oceano, do sol ardente que aquece os vinhedos, do solo rochoso onde estão plantadas as vinhas ou da técnica empregada em sua elaboração? Ou quiça do conjunto de todos estes elementos que, somados à ação humana, definem o *terroir*? Não há uma resposta exata para esta pergunta e tampouco há necessidade de respondê-la de forma lógica.

Para ilustrar estes questionamentos e dar concretude às reflexões apresentadas, trago o exemplo de uma narrativa de goût do terroir da região argentina de Mendoza, meu campo de pesquisa de doutorado. A seguir, a ilustração de um rótulo de vinho produzido pela vinícola Família Zuccardi, cujos vinhedos estão aos pés da Cordilheira dos Andes, onipresente na paisagem do vinho mendocino:

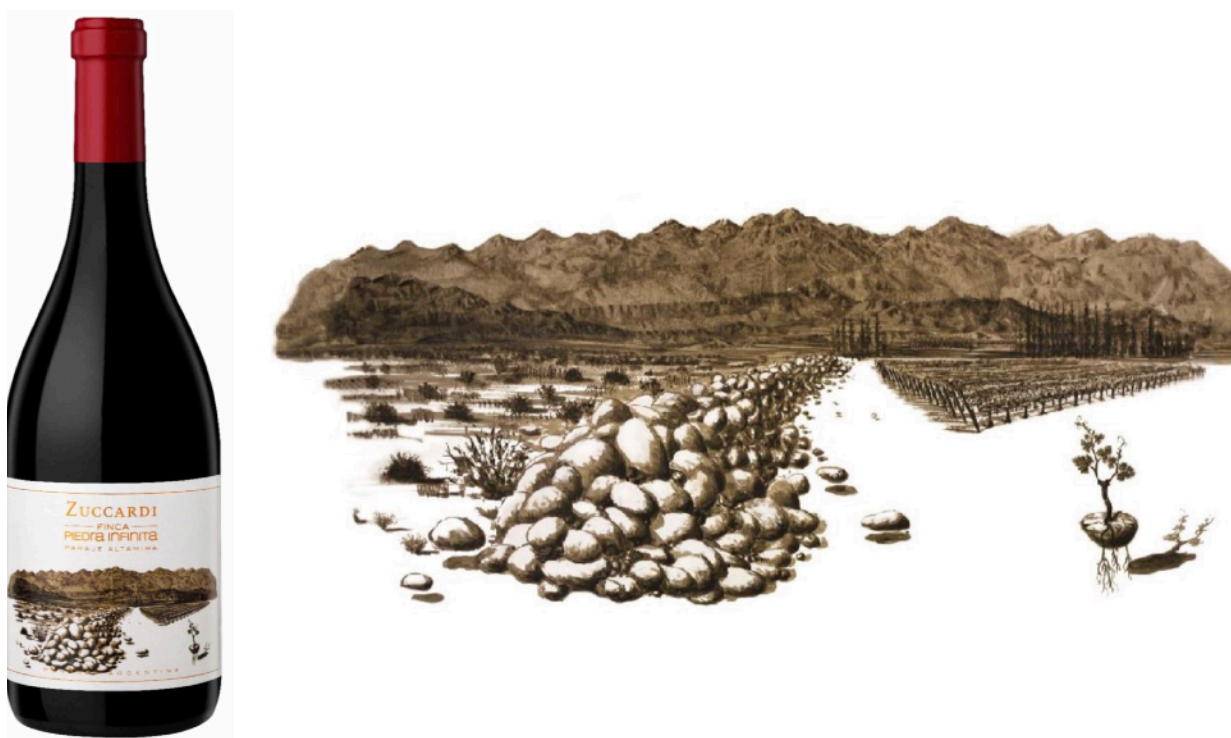


Figura 1: Vinho Mendocino com detalhe do rótulo. Fonte: Zuccardi (2021)



A imagem acima endossa a metáfora de que “o vinho nasce no vinhedo” - e é celebrada no rótulo do vinho. Ao fundo, a montanha atravessa a paisagem de ponta a ponta, sendo um elemento onipresente nos vinhedos perfilados logo à frente e a direita. Um campo de mata nativa do lado oposto sugerem uma natureza ainda “selvagem” e “intocada”. Do lado esquerdo, em primeiro plano, uma pilha de rochas aluviais ao lado de uma videira - à direita - cujas raízes atravessam uma destas pedras - sugerindo, a meu ver, um obstáculo superado pela planta. Não está em questão se concretamente uma raiz é capaz de perfurar uma pedra mas o que esta imagem metaforicamente sugere: ao lograr atravessar a dureza da pedra, a vinha extrair desta o seu sabor. A narrativa do autor deste vinho tempera minhas reflexões:

“avanzar hacia el sur y hacia el oeste significaba adentrarse en el corazón de la parte mas alta del abanico aluvial del río Tunuyan. Significaba, entonces, luchar con la piedra. (...) Porque cultivar este viñedo implica estudiar, trabajar, conocer cada hilera [de vinhas], cada piedra. Explorar incansablemente su enorme diversidad para poder interpretarla a través del vino. (...) Es un autentico vino de montaña” (ZUCCARDI, 2021).

Os vinhos ali produzidos são chamados “vinhos de montanha”: e cada rótulo por sua vez, é batizados com nomes que fazem alusão ao perfil de solo de origem das uvas: *finca piedra infinita*, *finca piedra infinita gravascal*, *finca piedra infinita supercal*. Os rótulos de ambos vinhos são artisticamente ilustrados com desenhos da montanha, pedras e vinhas que compõe a paisagem do vinhedo. O nome da variedade de uva não recebe mais o mesmo destaque quanto a sua procedência, seu terroir. Aprofundando-se nas características sensoriais, recorro a um guia conceituado de vinhos sulamericanos que assim descreve os vinhos: *finca piedra infinita gravascal*: “a profundidade de sabores deste vinho impressiona (...) em meio a taninos finos, esses *taninos austeros de cal*. É fresco, rico, com uma *acidez que alfineta*” (TAPIA, 2019, grifo meu). Para outro vinho, discorre: “glorioso em frutas vermelhas, notas herbáceas e *minerais* (...) *estrutura* fina, mas também intensa e *firme*” (idem, grifo meu). O imaginário petrificado da paisagem se projeta na descrição dos vinhos que origina. Como uma rocha, a textura da bebida é firme e afiada e seu sabor, mineral. Essas evidências sugerem uma veneração à montanha e ao solo pedregoso, que espelham-se no sabor dos vinhos dali provenientes. O desafio de cravar vinhedos aos pés da cordilheira é recompensado pelo sabor dos seus vinhos: firmes, afiados e minerais. A montanha enquanto fonte emanante de sabor deste terroir se evidencia.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Degustar um vinho, embalado por uma narrativa de terroir nos permite viajar imaginariamente, guiados por aromas e sabores, por lugares e paisagens que um viticultor habita e constrói sua forma de ser-no-mundo. A narrativa não apenas potencializa o fenômeno da degustação - como foi dito acima - mas é capaz de promover um encantamento entre aqueles que querem conhecer mais sobre as origens do vinho degustado e os trabalhos cotidianos de um viticultor.

Provar um vinho nos permite, via percepção e imaginação, degustar “trajectivamente” o sabor que brota de seu terroir. Inspirado em Sartre (2009), diria que ao degustar nos apropriamos do ser da paisagem da qual faremos nossa própria carne. Internalizamos em nosso corpo elementos do terroir e assim, nos reconectamos à terra pela via do paladar, como versa Gratão (2012). A experiência de mundo via nariz e boca é capaz de conjugar prazer e saber, conhecimento e afetividade.

Degustar um vinho é dar vazão à expressividade das coisas que aparecem em sua pureza e espontaneidade em forma de cheiros e gostos. É um exercício fenomenológico em sua “pureza” no qual percepção, imaginário e linguagem coexistem, se conversam ao passo que constroem realidades. Em um fenômeno intersubjetivo, sensível e aprazível, saber e sabor, percepção e imaginação se entrelaçam e descortinam geograficidades viticultoras. Revela a potência evocativa do sabor para o pensar geográfico.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A terra e os devaneios da vontade:** ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

_____. **A poética do espaço.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura / Walter Benjamin; tradução Sergio Paulo Rouanet; 8a ed. São Paulo: Brasiliense, 2016 (Obras Escolhidas v.1)

BERQUE A. Paysage-empreinte, paysage-matrice : éléments de problématique pour une géographie culturelle. In: **Espace géographique**, t. 13, n. 1, p. 33-34, 1984.



_____. Milieu, trajet de paysage et déterminisme géographique. In: **Espace géographique**, tome 14, n°2, p. 99-104, 1985.

CANDAU, J.; JEANJEAN, A. Des odeurs à ne pas regarder... **Terrain. Anthropologie & sciences humaines**, n. 47, p. 51-68, 2006.

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DULAU, R.; PITTE, J.R. **Géographie des odeurs: entre économie et culture**. Paris: L'Harmattan, 1998.

ELÍAS, L. V. Paisaje del Viñedo: patrimonio y recurso. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. Vol. 6, n° 2, p. 137-158, 2008.

GARCIA, J.P. e JACQUET, O. Le terroir du vin: trajectoire historique d'un objet multiforme en Bourgogne. **Le terroir viticole: espace et figures de qualité**, pp.43-69, 2020.

GRATÃO, L. H. B. Sabor & Paisagem à luz de Bachelard. **Geograficidade**, v. 2, n. 1, p. 30-41, 2012.

LUGINBÜHL, Y. **Les paysages culturel viticoles**. Convention du patrimoine mondiale UNESCO, 2005.

MASERA, G. **La Carrera**. Mendoza. 27.jun.2020. Instagram: @g.masera. Disponível em https://www.instagram.com/p/CB8tpWlh_2G/. Acesso em 30.jun.2020.

MERLEAU-PONT, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

NOGUÉ, J. e VELA, J. La dimensión comunicativa del paisaje: una propuesta teórica y aplicada. **Revista de Geografía Norte Grande**, n. 49, p. 25-43, 2011.

PARKER, T. **Le goût du terroir: histoire d'une idée française**. Presses universitaires de Rennes, 2017.

PEYNAUD, E. e BLOUIN, J. **O gosto do vinho: o grande livro da degustação**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.

POTTER, M **A história do Romanée-Conti: E a trama para destruir o melhor vinho do mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

SARTRE, J.P. **O Ser e o Nada**. Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2009.

TAPIA, P. **Descorchados**: guia de vinhos de Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. São Paulo: Inner, 2019.

TRUBEK, A. **The taste of place: a cultural journey into terroir**. Berkley: University of California Press, 2008.

WRIGHT, J. K. Terrae incognitae: The place of the imagination in geography. **Annals of the association of american geographers**, n. 37, v. 1, p. 1-15, 1947.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA

EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

ZUCCARDI, S. **Ficha técnica do vinho Zuccardi Finca Piedra Infinita**. Disponível em <https://zuccardiwines.com/wp-content/uploads/2021/01/FT-FINCA-PIEDRA-INFINITA-2017-ESP.pdf> Acesso em 14.abr.2021.